



O Gaiato

11 DE JANEIRO DE 1969

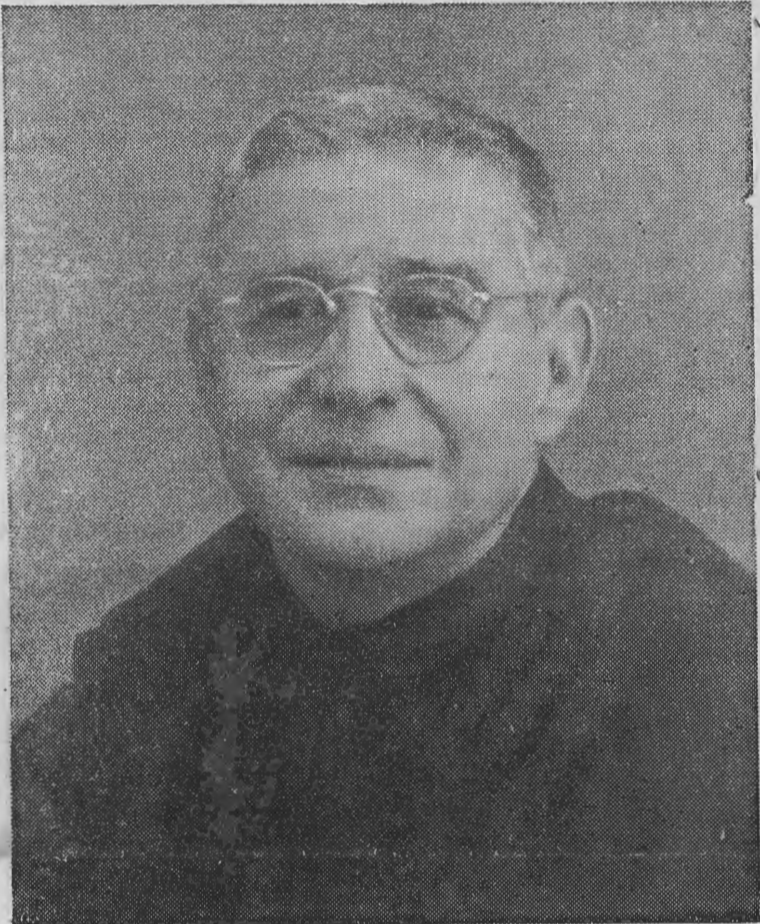
ANO XXV — N.º 648 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Vinte e nove anos

No pórtico do trigésimo, quando a maturidade é um dever, quando nós, os de dentro da Obra, nos sentimos terrivelmente obrigados por um passado e um presente em que Deus Se manifestou e manifesta «muitas vezes e de muitos modos» — que bem nos sabe, que bem nos faz uma mensagem como esta carta!:

«A Obra da Rua, a todos os seus responsáveis

Chegou agora no correio o «Porta Aberta». Já estava à espera há dias. Que bom que venha nesta quadra do Natal. Que bom que haja alguém que se tenha dedicado a fazê-lo. Que bem nos fazem estes livros, a nós gentes de «dentro do mundo», que nos chamem a atenção, nos obriguem a pensar, a sentir, e nos toquem no coração.

Muitas vezes tenho pensado que os Senhores Padres responsáveis destas obras loucas que são as edificações em que se metem, e o número de Rapazes de que tomam conta; muitas vezes tenho pensado que são loucos, herdicamente loucos, santamente loucos — e que, por vezes, devem sentir uma terrível solidão, e medo — medo — MEDO — daquilo

Continua na TERCEIRA página

As nossas edições

«A Porta Aberta»

A gente, às vezes, não sabe como consegue escrever! Dias há tão cheios — de barulho e movimento — que só por graça de Deus é possível rabiscar.

Estamos na expedição do «Famoso». «Herrera» e Celso, «Fininho» e «Timpanas», «Gordinho» e «Eusébio», Abílio e outros, ocupados a encaminhar jornais pró correio. Trabalho sério a correr pela mão dos mais pequenos! Uns cantam; outros pegam à bulha. E os que exorbitam, há que chamá-los à ordem. Tudo isto é no escritório da Tipografia e do «Famoso». Aqui um mundo de vida. E de problemas!

Não há, creio, tribuna que se assemelhe a «O Gaiato»! Não há. Foi sempre assim. Desde o primeiro número apregoado pela nossa boca. Voz quente pelo bafô do coração. Se não há tribuna assim, que dizer, Senhor, da torrente de cartas e postais despejada pelo carteiro, todos os dias, em nossas bancas de trabalho, por mor do «A Porta Aberta»?!

Continuar em acção de graças. Não sou capaz de escolher. A escolha mutila, segregada. E seca bicas, da Fonte que permanece. Aí vai uma presença — de sentido ecuménico:

«Fraternais saudações cristãs. Pela presente venho acusar a recepção do maravilhoso livro: «Somos a Porta Aberta».

Se admirei e li sôfrega e ao mesmo tempo meditativamente os 5 primeiros volumes que recebi, este então ainda mais, pois além do sublime conteúdo que possui, está óptimamente ordenado.

Em meu entender os Santos Evangelhos, Doutrina Celestial por excelência, têm certas passagens que requerem muito estudo e muita meditação para se lhe encontrar o seu sentido oculto.

Continua na SEGUNDA página

Areias do Cavaco

Por

Padre Manuel

A hora em que escrevo estas linhas, o Natal já foi. O que foi? O que é? Foi o encontro de Deus com os homens. Cada Natal é a actualização desse encontro único na história do homem. Primeiro encontro de Deus com o homem no íntimo de si mesmo. E encontro do homem com Deus em todos os outros. Doutro modo não tem sentido o Natal. Natal significa banir o ódio; aproximação dos homens; comunicação de bens; presença do Amor; triunfo da Amizade.

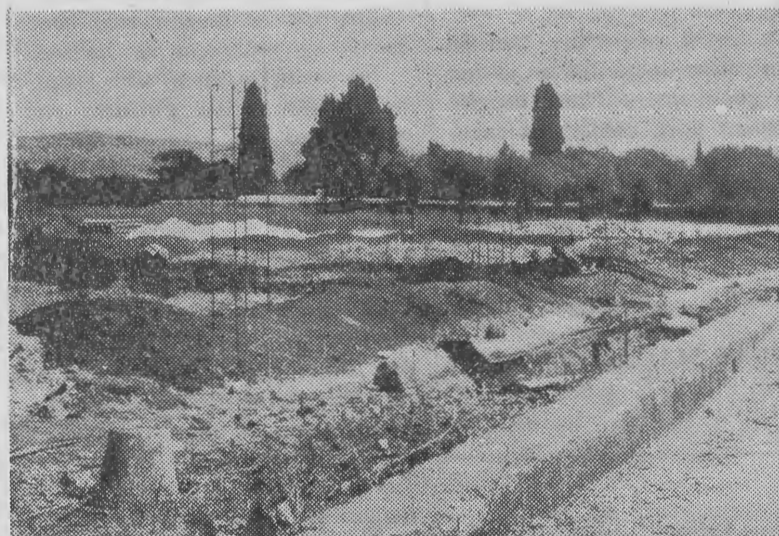
O Natal já foi? Não. Que o Natal seja todos os dias.

x x x

Como foi o nosso Natal? Sentimos à nossa volta a presença da Amizade. Foi uma procissão de Amigos que começou muito antes e continuou na manhã do dia de Natal. Esta família já tão numerosa sentiu à sua volta o carinho

Continua na SEGUNDA página

Embora escrevamos a poucos dias do fim do ano, quando este número d'«O Gaiato» sair, já 1969 caminhará decididamente, na marcha irreversível do tempo que, por menos que queiramos, avança sempre, sepultando muitas ilusões, pondo a nú a realidade da vida com as suas contradições, alegrias e tristezas, vitórias e derrotas. Fim de ano é, por antonomásia, sinónimo de balanço, que para ser completo deve abranger não só as contas à moda do mundo, mas também e antes as que dizem respeito a cada um de nós ou das pequenas ou grandes comunidades em que nos integramos, nos êxitos ou fracassos, nos erros ou acertos, nas traições ou fidelidades. Mas ao termo dum ano segue-se outro, por comodidade de expressão e em conformidade com o movimento em torno do astro-rei. Ao fim e ao cabo é o tempo na sua rota, inexorável mas é sempre ocasião de cultivar a esperança, fortalecer a vontade e procurar fazer melhor, tendo em conta os próprios desaires, as mutações de problemáticas e os Ideais que pretendemos servir, numa insatisfação permanente que só poderá, para ser salutar, terminar com a própria morte. Fim dum ano e começo de outro, eis, para o cristão, o tempo propício, como aliás todo deve ser, de acção de graças, de súplica, de misericórdia e de impetração de forças em



Obras na nova Aldeia da Casa do Gaiato de Lisboa. Esperanças em concretização...

Aqui Lisboa

em ordem a bem cumprir os seus deveres. É neste espírito que escrevemos estas linhas, que gostaríamos de comunicar a toda a Família da Obra, a que desejamos um 1969 cheio de graças e a quem queremos manifestar a maior gratidão pelos auxílios morais e materiais prestados.

x x x

O Natal foi cheio de mimos, graças a Deus. Para sermos sinceros, porém, devemos declarar que consideramos excessivas as quantidades de brinquedos, bolas e outras coisas secundárias trazidas até nós. Tememos pelos excessos como pelas carências, pois os extremos to-

Continua na SEGUNDA página

Esta primeira crónica depois do Natal, não pode ser outra que um agradecimento muito sincero pela amizade da vossa presença. É verdadeiramente extraordinário que tantos se tenham interessado por tão poucos! Não foi senão pela Obra em si e pelo desejo que caminhe a bem das crianças da rua. A confiança está conquistada e vamos procurar merecê-la mais, convencidos de que esse bem não lhes será recusado.

Agradecemos os votos de Boas Festas esperando que Deus a todos tenha dado as mesmas. E aqui vai a lista de hoje:

Empregados da Mogás 537\$. Da Incomati mais um saco de açúcar e de alguém que lá trabalha suprimento para a nossa dispensa. Das Irmãs Hospitalares de Jesus 500\$ e um jogo

Lourenço Marques

de roupa de altar. Da Total 800\$00. Da Manutenção Militar arroz, batatas e cavala em lotes de 50 quilos. Da Campanha do Natal dos Pobres batatas, arroz e chouriço, e mais tarde pela mão da Senhora do Snr. Governador vinte mil escudos. Visitantes com 150\$ e 100\$.

Das Franciscanas Missionárias de Maria 5.000\$ e muitas coisas para a nossa dispensa, mais 6.000\$ para Missas. 500\$ dum Sacerdote Professor nos Estudos Gerais, que ainda há

pouco deixou outro tanto. De Nampula 150\$ de duas pessoas amigas. Mais 120\$ da Secção de Arquivo Vivo do BNU. Do representante da UTA 150\$; de C. E. 250\$00. Da Beira, um amigo da primeira hora com 5.000\$00. Dum antigo companheiro de Pai Américo um rádio de pilhas. De J. H. dois mil com vários destinos para as Casas da Metrópole. Dos meninos João Pedro e Fernando Paulo 50\$00. Visitantes com cem e duzentos. Mais metade

com a legenda «é pouco mas do coração». Das Conf. Vicentinas da cidade 500 quilos de batatas. Dos nossos subscritores 2.110\$ mais 800\$ doutra vez e mais cem da Mãe da Senhora que nos traz as cotas e igual de pessoa de sua amizade. Da Liga Eucarística dos Homens de Malhangalene mil escudos e muitas roupas e bolos. Três camas e um colchão. Visitantes com cem e três amiguinhos com igual. Mais embrulhos na Farmácia Normal, mais 500\$ pela mão de quem lá deixa todos os meses trezentos e agora muitas latas de doce para a merenda dos Rapazes. Cem pela esposa há muito doente no Hospital. Dois enfermeiros com 250\$. O senhor dos sacos de cimento com mais 2.000\$00. E igual do casal que nos visita todos os sábados. Visitantes com 200\$ mais 20\$. Dos Amigos da Obra no Prédio da Estatística 2.000\$00, mais 500\$ de

anónima e mais um fogão a gaz. Eva e anónima da Beira 80\$. Mais Beira com cem. De amigos do Standard-Totta 1.531\$. Da Serração Santos 12 peças de madeira para a nossa Escola. Um cheque de 30\$. Por intermédio do Consulado de Bulawaio de senhoras da Rodésia 5,5. Mais 300\$ «com todo o amor» entregues no A. Teixeira. Mais uma lembrança do casal da R. dos Voluntários, 50\$ da Casa Bermina e 300\$ de quem nos trouxe o Papaiana e o Sorte. Mais mil depositados na Beira. Quase 50 m3 de pedra trazida do Vergueiro para as nossas obras. Dum Casal 500\$, mais 50\$ de senhora que a acompanhava. E agora a presença de alguns dos nossos antigos Gaiatos. Tete com 250\$. L. Marques com 5 rands, mais 50\$ e África do Sul 10 rands. Finalmente uma «pancadaria» de coisas entregues na Paróquia da Catedral, acrescentada com muito carinho e duas grandes ajudas em dinheiro de quem muito já nos tem dado.

Tudo isto veio para o nosso Natal ao longo de Dezembro. Vamos saldar contas que se foram avolumando e continuar com o coração mais agradecido.

Padre José Maria



Cont. da PRIMEIRA página

de muitas famílias manifestado das mais variadas maneiras. A Amizade verdadeira é engenhosa e capaz de inventar processos de se comunicar. Vamos dar conta de algumas presenças. Não são todas com certeza. Algumas foram rodeadas de tamanha discreção que passaram despercebidas.

Começamos por um bolo preparado com muito carinho. Um grande cartão com 56 pacotes de bolachas. Uma peça de pano para calças e fatos de trabalho para os nossos rapazes. Mais guloseimas. Uma nota de 500\$ e «um forte abraço de Boas Festas». Mais outra de 500\$00 e votos de um Alegre e Santo Natal. Cem e uma recomendação de que se não fale em nomes. Outra nota de 1.000\$. Casal muito amigo deixa 250\$ e pano para calças para meu uso. Não leve a mal se as vir no corpo de algum destes filhos. O mesmo trouxe-nos um rádio em muito bom estado. E o problema da música se vai resolvendo assim. Outro rádio. Todos têm o seu lugar. Um casal a quem não tive coragem de perguntar pelo nome entrega-nos 1.000\$. Do Lobito duas notas de mil. Mãe e filhas vieram com 1.200\$. Uma reparação gratuita de um rádio. Mais 240\$. Mais 100\$. E outros 100\$. Um cheque de 500\$, do Lobito e cinco grades de cerveja. Agora é um vizinho que põe uma nota de 100\$ nas nossas mãos. Outros 100\$, mandados de Lisboa. Do Minhango, 50\$ para as amêndoas dos mais pequeninos. Do Cubal, 20\$. Do Luso, 100\$00.

Pessoa Amiga de Lisboa, manda 1.000\$00. Assinatura paga e o restante para o nosso Natal. Em Benguela, 500\$. Outra nota de 500\$ de quem muito nos quer. Do Luís Manuel e da Maria da

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

cam-se. De resto, estando em causa necessidades primaríssimas, como são, por exemplo, as decorrentes da construção da Aldela Nova, seria mais aconselhável entregarem-nos os meios dispendidos, dando-nos a liberdade de aplicação naquilo considerado mais necessário e urgente. Claro está que não deixariam os nossos Rapazes de ter na época festiva atravessada aquilo que computamos de razoável, mas haveria mais equilíbrio nas coisas e poupar-lhes-famos os perigos da demasiada abundância, ainda um clima irreal e, como é sabido, por vezes causa de tantos desregramentos na vida dos homens. Bem nos soube, por exemplo, um donativo trazido por uma excursão dum Colégio de Lisboa, no sábado anterior ao Natal, autêntico maná caído do Céu, que nos permitiu pagar os salários dessa semana!

Padre Luís

Graça, 40\$. De «uma Amiguinha dos Gaiatos» 100\$00. Da Catumbela, 200\$. Brinquedos, muitos brinquedos. Duas caixas de peixe. De um grupo de Amigos, uma série de jogos que no ajudam a passar as horas de ócio. Lembramos de maneira especial aqueles que todos os meses se impuseram a obrigação de nos ajudar com 1.000\$, 500\$ e mais 500\$, mais 250\$. Fizeram-nos assim sócios de suas firmas. Oxalá fossem mais.

A máquina de escrever chegou de Lourenço Marques com esta dedicatória: «É a melhor que nós temos.» E a de contabilidade?

x x x

Os nossos vendedores têm uma palavra a dizer:

«Amigos leitores: uma vez mais aqui está a crónica de Benguela.

A venda que fizemos nos dias 21 e 22 de Dezembro foi formidável. Em Benguela no sábado deu 1.970\$, no domingo nas Igrejas, em Benguela, deu 1.430\$00. Na Catumbela 557\$00, e são só dois vendedores. No Lobito deu 872\$00, e na Baía Farta onde a venda é feita na sexta-feira, e vai só um vendedor deu 403\$50. E agora esperamos no Lobito que é cidade que dá muito dinheiro.

No Natal deram-nos muitas coisas para as nossas boas festas: Brinquedos, rebuçados, latas de azeite, doces, bolos, uma máquina de escrever quase nova e faz-nos muita falta para o nosso escritório, e outras coisas.

Os mais pequenos quando viam coisas doces diziam assim: «Eu gosto que o Natal chegue depressa para comermos rabanadas, bolos e rebuçados». Agradeço aos senhores que nos fazem bem. Para eles mando um muito obrigado.

Domingos Solanon

PADRE MANUEL ANTÓNIO

Visado pela

Comissão de Censura



Eles são o nosso primeiro estímulo! Com seus 15 anos, Renato é quem governa e põe a mesa a esta Família sem Mãe, do Pai e 25 filhos.

As nossas edições

«A PORTA ABERTA»

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PAGINA

Mas o «Somos a Porta Aberta» é na verdade o Santo Evangelho descrito, explicado, e, principalmente, vivido.

Ao ler este livro, choro como vividamente, ou alegremente, conforme as passagens do mesmo.

Se os outros não têm preço, este muito menos. Portanto comunico-vos que, logo que me seja possível, talvez nos fins de Janeiro, vos envio 40\$00, os quais, longe de pagarem o seu valor, somente deverão ajudar a pagar o custo da impressão.

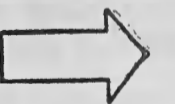
Durante muitos anos vivi como membro de uma igreja evangélica e por razões particulares e familiares, mais tarde como simples congregado. Mas, apesar das muitas pregações do Evangelho que ouvi, nunca vi O mesmo praticado tão real e activamente como através da Obra da Rua, cujo fundador foi realmente um

Apóstolo, pois na verdade «ele também havia estado com Jesus».

Quando sincero, o amor por Cristo revela-O e faz sangue, pacificamente. Não há dúvida, o «Espírito sopra onde quere»!, prostrando os homens para subir onde nunca andaram. São assim os caminhos do Caminho; via estreita que todos encaminha para a Via Larga. Só pelo amor nos encontramos, sim, quando «praticado tão real e activamente». Só por Ele chegamos ao Pai; não há outro meio. Só pelo Amor.

Olhem pra Setúbal:

«Muito agradeço a remessa da v/ edição «A Porta Aberta», que,



Vinte e nove anos

Cont. da PRIMEIRA página em que se meteram. E eu, nós, nós todos, Amigos da Obra, não sabemos quando é que se sentem sós, quando é que têm medo. E sabemos que, nessas alturas, recorrem à oração e à confiança.

O que eu vos quero dizer hoje, é que, além da ajuda de Jesus, que é o principal, e por vezes palpável — sei por experiência — também há a nossa, a dos Amigos. Somos tantos, tantos, uns manifestando-se, outros caladinhos, que quando julgam estar sós, estão redondamente errados. Somos muitíssimos, juntos, e cada um em particular — a pensar nos vossos trabalhos, nas vossas responsabilidades, nas vossas loucuras, sim, loucuras, e a pensar: «ainda bem que eles fazem estas coisas que eu não teria coragem de empreender...».

Feliz Natal, e contínuem! Eu agradeço, já que me faltou a coragem, que a tenham por mim».

Não resistimos a fazer dela o fundo deste aniversário. Para os nossos Rapazes mais velhos, ela é uma prova de mentalização alcançada fora dos nossos muros, na alma de tantos amigos (eu sei que são muitos!), «uns manifestando-se, outros caladinhos», que nos conhecem, que connosco sentem, que nos amam.

Nós ambicionamos que nos amem com a inteligência daqui-

lo que somos; melhor do que queremos ser. Que não pensem de nós nem mais nem menos; que desfaçam o «mito» quando a sensibilidade o tentar impôr...

É verdade que somos homens a quem Deus enlouqueceu — e só assim se explica a ultrapassagem da nossa natural vulgaridade. Mas é uma loucura consciente, passível de intermitências, durante as quais experimentamos medo e a tentação de já não sermos capazes do que fomos, como se o tivéssemos sido alguma vez por nós mesmos e não somente por força da loucura que Deus nos dá.

É nessas horas, que da confiança reafirmada a Jesus, em Cujo Nome é tudo o que fazemos ou dizemos, nos revem a

Sua Paz, dominante sobre todas as tempestades que há «dentro do mundo» — e sentimos o Seu bafo multiplicado no sopro apaixonado, comungante, de tantos que nos compreendem e nos sentem e nos amam.

Esta é verdadeiramente a nossa riqueza e o título de nobreza da nossa Obra: Família de dimensões indefiníveis, que por amor dos mil que guarda sob os seus tectos, congrega quantos mil e os faz pensar e os leva a agir e os não deixa sem desejos grandes, sem desejos loucos de que o Mundo seja isto mesmo, a Casa da Família Humana, onde todos se entendam e comunguem nos mesmos sentimentos e se amem.

Na pequenez do que somos, que o Senhor Jesus permaneça sempre connosco e nos ajude a comunicar aos homens de boa vontade a grandeza do Ideal que nos consome.

BELÉM

Em louvor da Santa Família, cuja Festa ocorre agora e sob cuja protecção foi colocada esta Obra, estas singelas palavras, que eu desejara muito belas e ricas de conteúdo espiritual.

Mas, pobre de mim! Não sinto que hoje seja capaz de traduzir aqui quanto reconhecimento, adoração e louvor me vão na alma.

Ao longo destes 10 anos tem

sido bem visível a Sua toda poderosa assistência. Quem não a quiser admitir não poderá compreender como nasceu, se manteve e desenvolveu esta Obra, na Terra só apoiada em dois frágeis braços de mulher. Dizia-me há tempos, pessoa amiga: «Eu não acredito em milagres, mas a senhora fez aqui um...»

Não foi, porém, a Santa Família de Nazaré escolhida somente como protectora da Obra, mas também como modelo a seguir, na orientação de vida a manter, e desenvolver e aperfeiçoar nas nossas casas.

O Verbo de Deus feito Homem escolheu para Si, na Terra, uma Família pobre, de operário.

José e Maria, pelo facto de terem sido chamados ao desempenho de tão alta missão, não abandonaram o seu meio social, não se isolaram de parentes e conterrâneos.

MALANJE

Meu caro Fernando Serra. Tu, em Inglaterra, sendo filho da Obra, e preocupado com o Natal dos Pobres a tantos quilómetros de distância! — Foi o meu presente de Natal.

A tua libra deu alegria a um velhinho que tem um filho raquítico. A mãe morreu. É ele que o sustenta. E nós lhe damos leite para tal.

A sanzala onde vive é triste: Ruas de capim, a escola caiu, Capela não tem. Quando lá rezo missa é debaixo duma árvore. O chão térreo cheira a mofo. O mobiliário duma família cabe à cabeça duma mulher.

É assim. Há dias levei lá a comunhão a dois velhos, doentes. (Sempre que vou e entro nas cubatas, mer-

BARREDO

Situações desploráveis e críticas... gente explorada e não respeitada! Egoísmo... e poucos recursos para resolver situações de miséria imerecida!!!

Só dois exemplos dos muitos que vos poderia contar:

O Snr. António, de 84 anos, casado com uma mulher de 60 anos. Têm uma filha de 13 anos, internada num abrigo.

A sua idade é avançada e as forças para o trabalho são nulas! Vive num tugúrio escuro, sem luz, nem ar para respirar. No quartelho, mal cabe a cama e uma cómoda a desfazer-se. Mesmo ao lado, junto à porta, que até nem fecha, está uma retrete, onde toda a gente do velho prédio escuro, de quatro andares, a desfazer-se, vai despejar, a qualquer hora, do dia ou da noite, os seus resfduos imundos.

Ele come a sua tigela de sopa magra, com umas míseras couves a nadar, com o «odor agradável», desses despejos imundos. Situação crítica e palpável, que se arrasta já há uns anos!...

Diante da sua situação, não podemos deixar de sentir repulsa e gritar: — Isto não pode continuar assim. É uma injustiça social, neste nosso mundo, terrivelmente egoísta, em que as pessoas só procuram o seu bem estar e os seus bons perfumes!...

O Snr. Alfredo. Homem de 53 anos. Viúvo. Na vida: —

sòzinho, sem ninguém! Tem uma filha de 16 anos, que já não vê há muito, por estar longe e com os padrinhos.

Um dia, o Pároco foi dar com ele, deitado numa enxerga, dura, num quartelho sujo, onde as ratazanas fazem barulho por cima do tecto de madeira esburacada.

Este homem era ajudante de cozinheiro, mas ultimamente, mal arranjava o pão nosso de cada dia, no carrejo das canastras do peixe, no mercado de Matosinhos!

Um acidente, na via pública, levou-o para o hospital com uma perna miseravelmente partida. Lá esteve 5 meses, vindo depois para esse quarto, onde já vivia antes, e aguarda ali a recuperação da perna. Ali está, a pagar 5\$00 por dia. A luz do Sol não lhe aquece, nem ilumina o quarto. O ar, que respira, entra-lhe pela janela da vizinha: — uma pobre como ele!...

Não se pode movimentar ainda. O gesso que lhe cobre a perna não o deixa trabalhar. Não pode pagar a renda; é evidente! Mas no entanto, o senhorio chegou a querer expulsá-lo do quarto, pois já lhe devia mais de 100 dias!... Para onde é que ele ia?! Ninguém o receberia, a não ser as pedras da rua!...

Continua na QUARTA página

José, o Homem justo, era, diante do povo, o humilde carpinteiro, ganhando, com o suor do seu rosto, o pão de cada dia, para Si e para os Seus.

Maria, a Sede de Sabedoria, a Bendita entre todas as mulheres, desempenhava com simplicidade e zelo a sua missão de dona de casa e mãe de família.

Assim, numa existência obscura, humilde e recolhida, feita de doação mútua, respeito e obediência, Eles consagraram para sempre a vida de família.

Ora existindo «Belém» para acolher, educar e defender as filhas dos Pobres, a vida da Santa Família de Nazaré será para elas o modelo a copiar, no exercício de todas as virtudes domésticas.

A casinha simples mas ordenada e acolhedora de Nazaré, atrai e edifica. Depois dela, só a observação directa da vida de trabalho, economias e renúncias daqueles que sabem manter-se pobres e dignos no meio da sua pobreza.

Fora disto, só a fantasia, que amanhã levará as raparigas a grandes desenganos e violentos choques com a dura realidade.

Daqui se tira uma conclusão muito séria, que deve ser pesada e meditada por quem põha o problema da sua doação pessoal a esta Obra. É que é indispensável que se desprendam de hábitos ou aspirações que não condigam com o modo de vida de uma família modesta, em que elas serão as mães.

A vida da Santa Família de Nazaré, é, pois, o modelo que devemos ter sempre na nossa frente, tanto para orientação dos nossos actos de donas de casa e mães de família como na educação das filhas da Obra, na economia doméstica e arranjo do lar.

Inês — Belém — Viseu

gulho fundo no mundo que desconhecemos.) Com que naturalidade receberam o Senhor! Identificados com Ele! Amigos velhos! A mesma carne! Profundo e belo!

O catre sem colchão; o lume ali perto; dois potes negros; e pouco mais.

Meditemos... Sentado no catre sem colchão, respirando com dificuldade o ar enfumado, está o Senhor!!!

E nós todos, caro Fernando Cid, à sua procura nos presépios iluminados!

Neste Natal tu o descobriste naquele velhinho a quem vou entregar a tua libra.

Um abraço do teu

Padre Telmo



como todos os livros aí editados, é uma chama viva a iluminar caminhos que temos a percorrer e de que tantas vezes nos afastamos.»

Mais uma legenda. E sacerdotal! Vem de Bragança. Ora leiam:

«Recebi o belo volume de «A Porta Aberta». Agradável surpresa! Dei-lhe uma vista de olhos com todo o interesse. Bastaram poucos minutos para agradecer a Deus esta mensagem. E, ao pô-lo sobre a mesa, beijei-o com amor. É sempre nova e renovadora a palavra que Deus nos diz pelo Pai Américo. Por isso, bendita seja «A Porta Aberta!»

Demos, agora, um salto a Guimarães:

«Acabo de receber «A Porta Aberta». É livro que não se pode pagar; jamais se pagará, porque a Revelação não tem preço. Perante ele, a maneira como nos eleva e nos ensina a olhar para as coisas e para o mundo das almas, só uma atitude nos refresca a consciência: É ajoelhar e dizer — Obrigado Senhor, porque nos deste este livro!! Obrigado por nos ter dado quem o escrevesse de forma a que nós a entendêssemos e Te entendêssemos!... Até pela apresentação do livro, pelo seu aspecto gráfico, nós ficamos a saber até onde podem chegar as almas que a Casa do Gaiato resgata e recupera para a vida e quanto valem os Gaiatos.»

Mas nem tudo são rosas! Aí vão os espinhos:

«Ao senhor Manuel Rosas Arquivista do ficheiro da Editorial

Peço o favor de notar que além do exemplar do «A Porta Aberta» que eu tinha pedido e pago para a Ex.ma Sra. X, lhe foi enviado um segundo exemplar, provavelmente por não ter sido notada no ficheiro a primeira remessa, o que faço notar apenas por uma questão de boa ordem, pois aquele segundo exemplar já foi entregue a quem terá muito interesse e proveito em o ler.

Junto um vale de correio de 100\$00 para pagamento deste livro.

Não me leve a mal o Manuel Rosas esta chamada à ordem, pois «só os burros é que nunca se enganam».

O Manel deu a mão à palmatória com um sorriso nos lábios! E como ele se prepara, no escritório, para amanhã ser um Homem, estas chamadas são muito oportunas à perfeição. São chamadas amigas. E plenas de bom humor. Ora vejam:

«Supriram os serviços dos correios as filhas da vossa «Desorganização organizada» e assim foi possível chegar à minha mão mais este livro por vós enviado. Junto o corpo do delito e bem assim um vale do correio.»

Eu acho graça porque, de todos os seus antecessores, desde o velho «Piolho», Manuel Rosas é o mais calmo a receber catanadas deste género. Estou admirado.

Júlio Mendes

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

TELESCOLA — A Telescola é sempre assunto vibrante na vida das nossas Casas. Os livros do 1.º trimestre já chegaram há muito e os de Francês, idem. Há um clima de interesse e de expectativa sempre crescente. Ele são os trabalhos manuais, ele são os desenhos. Cada um procura dar o máximo de si, próprio em busca dum determinado ideal, dum determinada obra que atea contínua e constantemente dentro de cada um. Se nos primeiros dias o ambiente era escaldante, mais se adensou com a vinda do material e dos livros. Estes são, na realidade, ótima arma para despertar as atenções gerais, quer pela sua profusa decoração com até pelo glosário da matéria que está, sem dúvida, nos moldes mais científicos que até agora foi possível em Portugal ao serviço da cultura e do aperfeiçoamento do homem.

O 1.º período está a terminar e, com ele, novas esperanças surgem e novos planos são traçados. A marcha do tempo não é obstáculo e todos têm como lema: «Avançar sempre e cada vez com mais entusiasmo». Quando esta divisa for esquecida, então andamos às cegas e a escuridão é total. Nasce o desânimo e todos os ideais lindos desabam. Que cada um procure sempre pôr azeite na sua candea! Não há motivos para desalentos, nem para tristezas. Se um dia ou mesmo uma semana nos corre mal, isso não implica que afrouxemos. Os espinhos e as agruras são vida! Só com isso a vida é bela!

Actualmente temos em vista, assim que acabe os pontos e outros trabalhos que é necessário realizar, alindar e decorar a nossa Casa. Todos prepararam já o presépio da «Telescola». As figuras de N.ª Senhora, S. José, Reis Magos, Pastores, ect., estão já a ser executadas. Pensa-se na decoração da sala de aulas com desenhos e trabalhos em exclusivo. Após esta tarefa eles vão dar um clima de paz, de amor e de amizade aos locais habitados por todos os outros. Primeiro, será a camarata dos «batatinhas», dos mais pequeninos. Depois, outras e outras. É necessário que o trabalho dê frutos e dos bons!

x x x

FESTA DE NATAL — Por outro lado andam quase todos enfiados nos ensaios para a festa do Natal, para se poder transmitir um pouco de alegria e de fraternidade ao povo destas redondezas que não deixa de testemunhar anualmente a sua gratidão, vindo cá, vindo presenciar com os seus próprios olhos a beleza das quadras festivas de Dezembro. Eu, na situação de timoneiro, esforço-me para levar a cabo tal empresa. Conto com a ajuda de todos para levar a embarcação a porto seguro.

x x x

RETIRO — Ultimam-se os planos para o retiro dos maiores e dos mais pequenos. A liberdade de acção e de movimentos da parte de todos tende a imperar. Não se impõe obrigações, mas sim deveres, o que a consciência de cada um ordena. O problema põe-se nestes termos: livre arbítrio de cada um em ordem a não perturbar posteriormente os outros que sentem empenho em fazer um bom retiro, em extrair algum lucro do que vão fazer. Os grupinhos do «não-te-rales» dos outros anos são impossíveis de suportar. Se a consciência nos indica que

BARREDO

Continuação da TERCEIRA pág.

Miséria humana... desalojamento... insegurança... exploração... imoralidade... tudo vai existindo por aqui.

Todos temos uma quota parte da responsabilidade nisto e a obrigação de atenuar, na medida da nossa generosidade estas situações.

x x x

A forçada ausência do P. Carlos por terras do Ultramar não me tem deixado tempo para fazer as visitas periódicas ao Barredo.

Porém, não estamos ausentes, mas muito atentos. Unimos o elo da Caridade com o Pároco e mais pessoas de boa vontade.

O Barredo continua a ser realidade.

Padre Abraão

não, porque havemos de dizer sim? Será que estamos a vender-nos como o faz Judas? Não pode ser. Sejamos homens com personalidade capaz de discernir convenientemente o mal do bem. Se não há qualquer interesse, porque havemos de ir destruir o ambiente são que outros procuram construir? Sejamos homens a reflectir e a executar!!!

x x x

MAIS UM NETO DA OBRA — O Vilhena já é pai de uma filhinha que é um amor. É a Maria do Céu, à semelhança da madrinha. Já abre os olhos e vai articulando alguns sons ininteligíveis. Que Deus a abençoe e a ajude a ser, futuramente, uma boa mulher. No momento em que este artigo é redigido, o baptizado ainda se não realizou, mas prevejo de que será mais um dia belo a juntar aos dias felizes do historial da nossa Obra. Ela vai criando raízes. E que raízes!

x x x

N. B.: O pedido da televisão continua em suspensão. Precisamos da tua ajuda.

Rogério

O nosso Lar está nos acabamentos. Agora é que ele come as unhas e o sabugo. Mas não paramos, por via da necessidade dos que vão estudar nas escolas, técnicas e superiores, e dos que trabalham nas nossas oficinas, ou na indústria ou comércio da cidade.

Um dia destes um visitante diz: «Que luxo!»

Ora, eu zanguei-me por causa de a barraca e os tugúrios de onde eles vieram serem lembrados como amostra de não estarem habituados a estas comodidades.

Pois se somos escola, o ambiente onde eles vivem é indispensável prática. Fartos do lixo estão eles, e nós queremos habituá-los à vida dum lar onde se possa viver. Já te disse e torno a dizer que as Casas do Gaiato não querem ser albergues, mas sim família para os que não a têm ou não lha soubemos dar. Aqui tens porque julgaste «luxo demais» para quem nasceu nas barracas». Estamos

a fazer lambrins com os taipais dos caixotes que as Fábricas de montagem de automóveis nos têm dado. A nossa pobreza não deixa de ser e por aqui podes ver o que aceitamos por via do que precisamos pra que o Lar do Gaiato tenha ambiente da escola que os nossos precisam.

Falta-nos muita coisa, e adivinha os calotes que temos aqui e ali.

x x x

Por luxos, digo-te que venhas a nossa Casa para veres o gosto que um Amigo nos deu:

Ele é arquitecto e, de vez em quando, vem até nós dizer do seu gosto, tal como tem para quem lhe paga, ou talvez ponha ainda mais relevo. Já tinha embelezado a nossa sala de televisão e agora trouxe-nos um painel da Ceia pró nosso refeitório. Eu não percebo nada do preço de quadros, mas desta sei dizer-te do seu preço por via do sentir de quem o pintou: «...Eu quero ser, eu tenho necessidade de ser dos teus rapazes». Eu quando vi a T. V. mobilada, olhei pró luxo e olhei para quem o custeou e arquitectou, e no-lo deu, tal como se estivesse a decorar a sua casa. Obrigado Senhor por dares a alguém a mesma luz que alimenta a Obra da Rua: Ser feliz por pôr os outros felizes com o seu esforço.

Ernesto Pinto

FUTEBOL — Há muito que não damos notícias do nosso grupo! Encontra-se em excelente forma, pois já realizámos alguns jogos esta época e todos os resultados foram positivos. Ultimamente temos treinado com alguns senhores do Banco que resolveram vir cá passar os domingos com os Gaiatos. A malta gosta; é natural para quem vive neste ambiente. Mas eu acho que os treinos correrão melhor quando tivermos sapatilhas. Os senhores terão por aí algumas? Então não se esqueçam de nós, por favor. Desde já ficamos agradecidos

ARROZ — Acabámos o trabalho que a malta lhe chama *chato*. Foi com muito sacrifício que foi colhido da terra e depois debulhado na máquina. Todos nós colaborámos, uns mais outros menos; mas todos meteram mãos, até o Carreira (que não percebe nada da ceifa), lá andou. Os últimos dias foram na verdade arrastantes. O Sr. Padre Acílio e o Pisco suavam por toda a barba, mas a vontade limpava-lhes o suor. No domingo a seguir à ceifa houve também arroz, mas desta vez arroz doce. Agora já não era *chato*; mas, sim, pouco!

RUI

LAR DE COIMBRA

Houve uma ligeira pausa nas obras do nosso Lar. Essa pausa foi devido às férias do Natal. Mestres e Rapazes foram celebrar a consoada e para evitar repetidas deslocações, suspenderam-se as obras.

O tempo também não tem ajudado e tem-se verificado um atraso aparente porque na realidade a construção não vai atrasada e além disso nunca é tarde e devagar se vai ao longe.

Vários foram os donativos nesta quadra do Natal em que os conimbricenses, em geral, não esqueceram e este ano dum modo duplo porque os donativos revestiram-se de dois fins: o primeiro, para a realização da consoada dos Rapazes, o segundo e dominante fim para ajudar a construção do nosso Lar. Quase todos os donativos tiveram estas duas facetas e os próprios benfeitores especificaram o fim dessas lembranças: ou para os Pobres, ou para a consoada dos Gaiatos, para uma telha, um tijolo, etc.

Os donativos foram de muita espécie (dinheiro, roupa, calçado e géneros alimentícios) e entregues pelos próprios doadores, dos quais, alguns quiseram

permanecer incógnitos, o que torna mais saborosa a oferta.

Esperamos que o Natal traga mais benfeitores porque agora recomeça a maior tarefa na continuação do novo Lar e sem meios não se pode continuar.

x x x

Acabou o primeiro período de aulas e o segundo a começar. Embora os resultados não sejam maus de todo, também não são nenhuma obra prima.

Já se falou neste artigo na necessidade que há de adquirir livros para o 1.º ano do Ciclo Preparatório. São cinco dos nossos Rapazes que frequentam o 1.º ano e ainda não têm os livros necessários.

Um período já lá vai e será que os leitores vão deixar que se finde o segundo e terceiro período e os Rapazes sem livros? Esperamos que alguém se lembre e compreenda que as aulas não vão só de ouvido.

Manuel Cesário

MIRANDA DO CORVO

Geralmente a Festa do Natal começa com os respectivos preparativos. Assim, na ante-véspera, graças ao sol que nos veio visitar, começamos a limpar a casa; na cozinha reinou maior azáfama e com ela maior desordem, na preparação dos comeres, pois, como é natural, tinha de haver tacho melhorado. No palco, a preparação da habitual festa, também foi um sinal exterior do acontecimento que se aproximava.

Chegou a hora da consoada e todos fomos para as tradicionais batatas com bacalhau, onde tivemos a companhia amiga do Sr. Prior de Miranda e de alguns Rapazes já casados com os seus rebentos. Depois houve distribuição de prendas a todos.

À meia-noite, tivemos a Missa do Galo, que foi celebrada com grande alegria e amor apesar da noite já ir avançada.

No dia de Natal, na parte da manhã tivemos um desafio de futebol diferente dos habituais, pois como era dia de Natal, o Menino Jesus trouxe uma prenda para todos: uma bola de couro muito boa.

A tarde foi preenchida com um almoço familiar, no qual participaram alguns dos nossos que já estão lançados na vida.

Pouco depois houve a costumada parte recreativa: a nossa festa, que embora não estivesse lá muito bem preparada, saiu bem e foi um pequeno esboço do que hão-de ser as nossas festas no ano que entrou.

Foi assim o nosso Natal. Resta-nos agradecer a todos os amigos que se lembraram de nós, e desejarmos-lhes que tenham passado esta quadra festiva na Paz do Senhor.

x x x

No último domingo tivemos conosco uma família muito amiga, que nos veio visitar, trazendo-nos uma merenda e bastantes brinquedos dos seus filhos para os nossos mais pequeninos. Tudo isto recebemos com muita alegria.

Que nos lembremos é a primeira vez que uma família se lembra de nós deste modo, trazendo-nos assim, tanto carinho e amor.

Alegramo-nos mais ainda por esta família ser de Coimbra que é mais a nossa gente, e onde a Obra da Rua nasceu.

Portanto amigos conimbricenses, não fiquéis parados e segui o exemplo dado por esta família. Vinde até nós que não vos arrependereis.

Oxalá vos lembreis de nós quando da nossa festa no Avenida, como esta família amiga se lembrou neste Natal de 1968, e como fazem os amigos de outras terras onde vamos, que no fim da festa nos oferecem um lanche.

x x x

A nossa Casa, por onde Pai Américo começou com a Obra que hoje

é a Obra da Rua, faz no próximo dia 3, 29 anos de existência.

Agradecemos e agradecemos também ao Senhor a graça de completarmos mais este ano, e peçamos todos ao Santíssimo Nome de Jesus (a quem Pai Américo consagrou a Obra) que a assista em todas as horas.

Francisco José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A CONSOADA — Dispusemos tudo como é tradição — e com discreção. Foram embrulhos de roupa, que a nossa Obra ofereceu. E deles com géneros próprios da quadra, adquiridos no merceiro. Uma discreta presença melhorada! Interpretamos, assim, a Consoada. Doutra forma seria filantropia. E o mais... Seria tudo menos uma presença vicentina — e cristã. Os Pobres precisam todo o ano, durante os 365 dias. E não só pelo Natal!

Lá, há dias, algures na imprensa diária, uma pequenina local sobre «Natal Vicentino». Uma quase transcrição da «Escalada» — utilíssima circular de ligação do Conselho Central das Conferências Vicentinas do Porto. E dei graças a Deus. É que a grande imprensa, liga mais à notícia que à doutrinação. Quem sabe se por nossa culpa!... Entre os órgãos de informação há vicentinos, com certeza. Ora como seria bom aproveitar, também, esse tubo de escape para esclarecer, convenientemente, todos os vicentinos e todos os homens de boa vontade! Haveria menos *bodos*, menos *paradas* de Pobres, menos fantochadas, por esse mundo fora. E colaboraríamos, assim, em uma das mais oportunas campanhas de promoção social dos nossos dias.

x x x

O QUE RECEBEMOS — O nosso grito ecoou pelo país fora! E chegaram presenças substanciais. Demos graças a Deus.

Abre um tripeiro, da rua Aval de Cima, com 25\$00. E 40\$00 da Quinta do Arieiro — Coimbra. E 32\$50 do nosso Fausto, remanescente de um trabalho executado em nossas oficinas. E mais 30\$00 de um meu colega dos tempos de estudante, no Porto. E o mesmo do Algueirão — «a fim de obter a cura de uma pessoa de família». E 50\$00 de Torres Novas. Mais 200\$00, de um licenciado em Económicas, do Porto. E 50\$00 «para ajuda da Ceia de Natal de quem mais necessitar, com todo o carinho da assinante 17022». Que Deus a ajude pela sua perseverança! E mais 20\$00 da Parede. Idem, de A. F. do Porto — outra habitual. Mais 50\$00 da Rua de Paio Peres Correia, de Lisboa. E mais 50\$00 de Lisboa com o pedido de orações «para alívio dos meus sofrimentos. Que Deus pela Sua Infinita Misericórdia tenha piedade de todos nós. Tenho tanto medo que Deus não me perdoe os meus pecados!» A Infinita Misericórdia de Deus compadece-Se dos Humíldes — e repugna os orgulhosos. Se a Fé nos diz assim, não tenha medo. Cria cada vez mais na Misericórdia divina. E aceite a Vontade do Senhor. Mais 20\$00 da «Viúva do Porteiro». Boa amiga e Senhora Rosa: que bem me sabe a sua presença, aqui, hoje, «para ajuda da Consoada da Conferência!» E mais ainda pelo seu apelo: «Deus queira que muitos mais se juntem a estes poucos que mando, pois bem preciso é para consolo daqueles que tanto precisam; mas ainda há muito egoísmo no mundo!» Foi a sua oração que despertou a massa, que levedou a massa. Foi ela, cria. Continue a rezar; a pedir assim ao Senhor. Ele sacralizou o *Óbulo da Viúva!* Finalmente, mais 10\$00 do Porto, do Bairro de Francos. Para todos, votos de um Santo Ano Novo.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE